

ficha técnica

Nome percurso pedestre de Ornal  
Localização freguesia de Espinhosela, concelho de Bragança  
Tipo de percurso Pequena Rota (PR)  
Âmbito do percurso paisagem natural e construída  
Distância 7920 m  
Duração 3 horas  
Grau de dificuldade médio  
Cota mínima/máxima 630/ 860 m

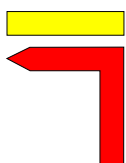
Caminho Certo



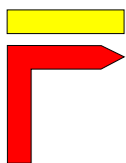
Caminho Errado



Virar à Esquerda

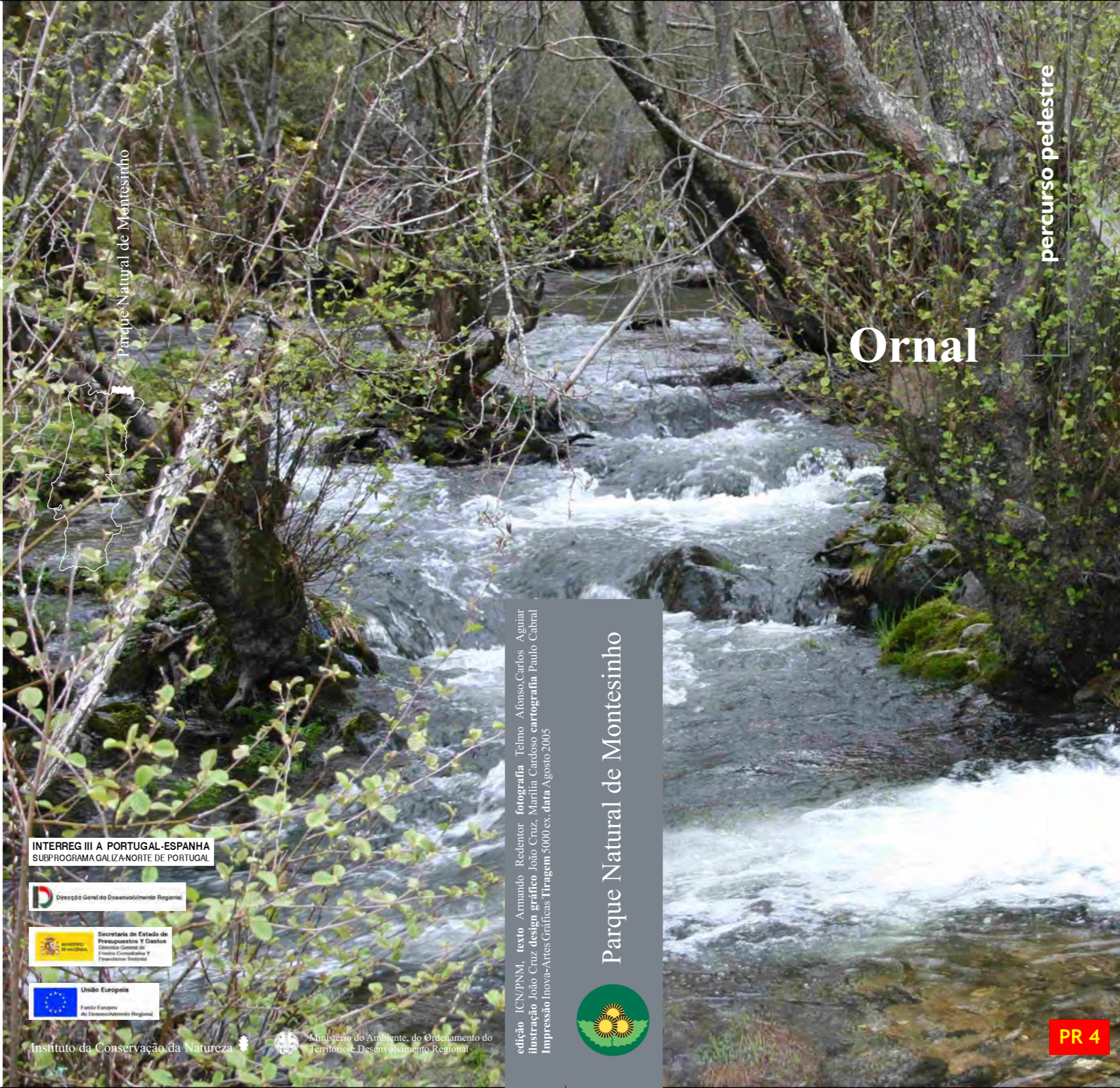


Virar à Direita



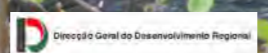
Azinhreira  
*Quercus rotundifolia*

- conselhos e sugestões
- Siga as indicações da sinalização;
  - Se tem especial interesse na observação de fauna, realize o percurso às primeiras horas da manhã ou ao entardecer;
  - Faça-se acompanhar de guias de campo, nomeadamente de aves e de plantas, bem como de binóculos e de máquina fotográfica;
  - Muna-se de calçado e vestuário adequados, de acordo com a época do ano, bem como de um cantil de água;
  - Não faça fogo;
  - Não recolha plantas, animais ou rochas;
  - Não abandone lixo ao longo do percurso.



percurso pedestre

INTERREG III A PORTUGAL-ESPANHA  
SUBPROGRAMA GALIZA-NORTE DE PORTUGAL



Instituto da Conservação da Natureza  
Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional

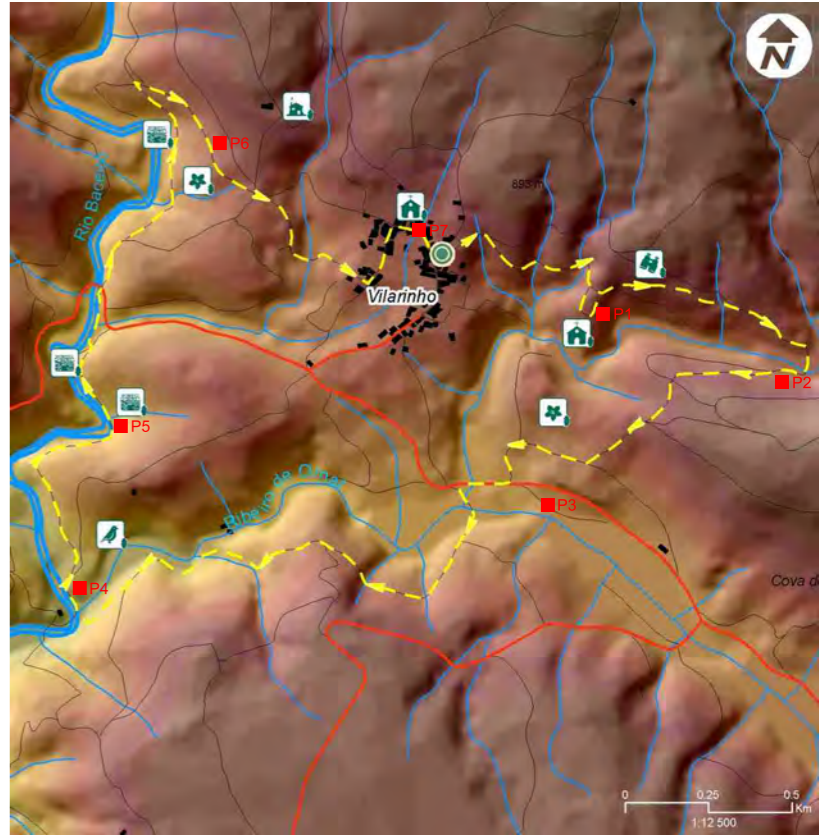
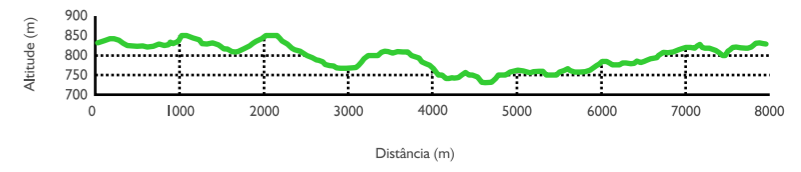
edição ICN/PNM, texto Armando Redentor, fotografia Telmo Afonso, Carlos Aguiar  
ilustração João Cruz design gráfico João Cruz, Mariana Cardoso cartografia Paulo Cábral  
Impressão Inova-Artes Gráficas Tiragem 5000 ex. data Agosto 2005

Parque Natural de Montesinho



PR 4

Perfil Altimétrico



pegadas



Lontra  
*Lutra lutra*



Raposa  
*Vulpes vulpes*



Corço  
*Capreolus capreolus*



Javali  
*Sus scrofa*



## percurso pedestre de Ornal



Vista geral da aldeia de Vilarinho

O percurso estrutura-se em função do curso da ribeira de Ornal e de um troço do rio Baceiro, ao qual ela aflui. É um percurso fechado, com cerca de 8 km, que, saindo da aldeia de Vilarinho em direcção a nascente, cruza a ribeira de Ornal para em seguida a acompanhar de perto, ao longo da sua margem esquerda, até à sua confluência com o rio Baceiro; este passa a ser a referência visual a partir deste ponto, desenvolvendo-se o percurso ao longo da sua margem esquerda para, mais acima, derivar na direcção da aldeia, que lhe fica a levante. A paisagem é marcada por um coberto vegetal dominado pelo azinhal nos solos mais esqueléticos e por extensas manchas de carvalho-negral ocupando as encostas, em cujo fundo se alinham dilatadas faixas de lameiros delimitados por espécies ripícolas, ao passo que nas rochas ultrabásicas do Sardoal se destacam azinheiras de porte reduzido e vegetação endémica específica.

### Posto 1 Santo Amaro



Azinhal



Santuário de Santo Amaro

Após passar as últimas cortinhas da aldeia, começa-se a caminhar por entre matos e floresta, avizinhandos-se um imenso azinhal capaz de se adaptar a condições pedológicas de extrema magreza, pouco favoráveis a outras espécies.

O santuário de Santo Amaro, pontoado pela brancura da capela setecentista, sobrepõe-se a um povoado fortificado da Idade do Ferro. O local corresponde a um pequeno esporão sobranceiro à ribeira de Ornal, sendo ainda visíveis alguns elementos da arquitectura defensiva do primitivo habitat, nomeadamente um monumental torreão, do qual arrancava uma linha de muralha que cercava o povoado, actualmente arrasada pelos nivelamentos realizados em torno do santuário, e um fosso, a anteceder o torreão, parcialmente colmatado pelo caminho adjacente. Uma observação atenta dos rompimentos realizados de cada um dos lados do torreão, para abrir os dois caminhos que se internam no recinto do santuário, permite vislumbrar o miolo da muralha da Idade do Ferro.

### Posto 2 Ribeira de Ornal



Ribeira de Ornal

### Posto 3 Fornos da cal de Cova de Lua

No ponto em que o percurso atinge a actual EN 308-3, jazem, imediatamente a nascente, os restos de antigos fornos da cal, desactivados na década de 60 do século transacto, testemunho do aproveitamento dos afloramentos calcários de Cova de Lua, que se encontram encravados numa grande mancha de xistos verdes.

Pouco depois de passada a pequena ermida de Santo Amaro, datada de 1898, lateral à estrada, faz-se a travessia da ribeira das Covas, ao longo da qual, nos lameiros que vivifica, não raro se observam cegonhas durante os períodos primaveral e estival.



Forno da cal

O percurso prossegue por caminho de pé posto delineado por entre o azinhal, atingindo a ribeira de Ornal. Este curso de água nasce nos relevos ocidentais da serra de Montesinho percorrendo uma extensão de cerca de 12 km até desaguar no rio Baceiro, recebendo o concurso da ribeira das Covas, que corre, aos pés do planalto de Espinhosela, pelo vale que o separa da serra de Montesinho, além de inúmeros regatos.

Longas faixas de lameiros, alguns acusando o abandono, delimitados por espécies ripícolas como o freixo, o amieiro, o choupo ou o salgueiro, acompanham o curso da ribeira, ao passo que, acima deles, se dilatam pelas encostas manchas frondosas de carvalho-negral, no interior das quais se desenvolvem alguns troços do percurso. Ao longo da caminhada poderá surpreender-se pela observação de espécies como o corço, a raposa, o esquilo – preferencialmente em manchas de pinhal – ou o melro-de-água.

### Posto 4 Rio Baceiro

O rio Baceiro, afluente do rio Tuela, é um dos principais cursos de água do Parque Natural de Montesinho. É um rio truteiro, embora também o barbo e o escalo tenham nele grande representação, além de espécies ribeirinhas, como a lontra ou a toupeira-de-água. Nasce em território espanhol e corre de norte para sul, atingindo uma extensão de 23 Km em território nacional.



Rio Baceiro

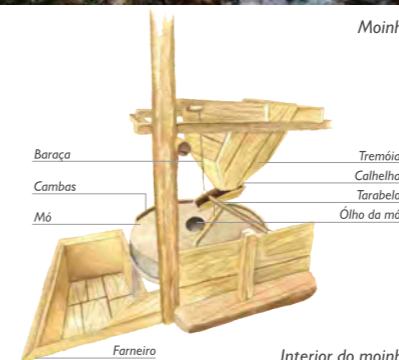
### Posto 5 Moinhos de rodízio

Ao longo do rio Baceiro vão encontrar-se três moinhos comunitários, dois pertencentes à aldeia de Vilarinho e um, o primeiro e o único a alcançar-se directamente, à de Cova de Lua. Integram-se na tipologia dos moinhos de rodízio, a roda horizontal que accionada pela força da água põe em funcionamento o mecanismo de moagem. A água é desviada do caudal do rio por meio de uma levada que, ao longo da margem, a conduz ao moinho, lançando-a no caborco, que acolhe o rodízio.

São construções modestas, como a generalidade dos moinhos comunitários, com uma única porta de acesso ao sobrado, o espaço de trabalho, e um janelo. Maioritariamente em desuso, foram, até há poucas décadas, estruturas vitais no quotidiano das comunidades rurais da região.



Moinho



Interior do moinho

Baraça  
Cambas  
Mó  
Tremóia  
Cathelha  
Tarabelo  
Ólho da mó  
Farneiro

### Posto 6 Sardoal

Quando o percurso já se orienta para o regresso à aldeia, atravessa a extensa mancha de rochas ultrabásicas conhecida por Sardoal em virtude do seu coberto vegetal ser constituído por azinheiras, regionalmente também designadas de sardões.

As rochas ultrabásicas originam solos tóxicos para a maioria das plantas, por isso a flora que se lhes associa, adaptada a essas condições, é de grande raridade, havendo algumas espécies, como a arméria, a arenária ou a cravina, entre outras, que apenas se encontram na região bragançana.



Rochas ultrabásicas



Arméria

### Posto 7 Igreja Paroquial

Chegados a Vilarinho, sugere-se uma visita à igreja paroquial, onde, além da sua arquitectura e dos retábulos barrocos, se pode apreciar um interessante tríptico seiscentista, descoberto aquando das últimas obras de recuperação do templo e actualmente instalado no retábulo da capela-mor.

O tríptico representa o Santo Bispo (S. Cipriano de Cartago) sentado num trono tipo renascença, na tábua central, S. Paulo, na direita, e S. Pedro, na esquerda. É datável de cerca de 1560-1570, sendo a sua autoria atribuída ao pintor regional Pedro de França, natural de França, próximo de Murça.



Igreja paroquial de Vilarinho